

**FANTOCHES E PATRIMÔNIO - NESTA INTERSECÇÃO,
A “TURMA DO QUINDIM” VISITA O MUSEU DO DOCE DA UFPel**

Cultura

Coordenador da atividade: Carla Rodrigues GASTAUD¹

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Autores: Rafael CHAVES²; Marlene OLIVEIRA³;

Lucia MASKE⁴; Joice CARDOSO⁵; Ariana COELHO⁶

Resumo

Este trabalho versa sobre uma atividade lúdico-educativa dirigida ao patrimônio imaterial, que tem por objetivo oportunizar uma primeira aproximação das crianças (público para o qual o enredo foi pensado), aos doces de Pelotas e ao processo pelo qual foram patrimonializados, bem como colaborar para que o Museu do Doce da UFPel (local preferencial de aplicação), cumpra sua função educativa. Trata-se de uma apresentação de teatro de fantoches - na qual os docinhos, transformados em personagens da Turma do Quindim, contam uma história que se passa no Museu - que foi criada no LEP, em 2018, por alunas e alunos do Curso de Museologia da UFPel, com o propósito de realizar uma nova ação educativa voltada às crianças visitantes do Museu do Doce. A opção por utilizar fantoches deveu-se não somente a seu potencial para diversão e aprendizagem mas, também, porque oferece às crianças oportunidade de lidar com os conhecimentos, as experiências, os sentimentos, que aparecem no mundo da criança, e enriquecem a vida em desenvolvimento. A peça foi encenada diversas vezes no Museu do Doce em atividades com escolas agendadas e no Largo do Mercado Público durante o evento Museus na Rua, promovido pela UFPel. Após as apresentações procedeu-se a ajustes e alterações em razão do *feedback* oferecido por alunos e professores que levaram a alterações no enredo, no linguajar e a utilização de microfones. A peça de teatro mostrou-se uma excelente maneira de iniciar a aproximação do público infantil (mas não somente), com o Museu do Doce e seu tema por excelência: os doces de Pelotas e a tradição doceira da cidade, o que pode ser constatado nas respostas dos diferentes públicos às encenações realizadas.

Palavra-chave: Fantoches para o patrimônio; educação em museus, Laboratório de Educação para o Patrimônio.

¹ Carla Rodrigues Gastaud, professora, Curso de Museologia, ICH/UFPel

² Rafael Teixeira Chaves Graduando em Conservação e Restauro, UFPel.

³ Marlene dos Santos de Oliveira Graduanda em Museologia, UFPel.

⁴ Lucia Maria Timm Maske Graduanda em Museologia, UFPel.

⁵ Joice Avila Cardoso Graduanda em Museologia, UFPel.

⁶ Ariana Coelho Graduanda em Museologia, UFPel.

Introdução

Este artigo relata a concepção, desenvolvimento e encenação de uma peça de teatro de Fantoques realizada por alunos e alunas do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel, no âmbito do Laboratório de Educação para o Patrimônio – LEP⁷, no ano de 2018. O LEP é um laboratório didático, vinculado a esse curso, dedicado ao estudo das ações educativas e processos pedagógicos que ocorrem em Museus ou que tenham por foco bens patrimoniais, o que inclui a produção de materiais educativos, o desenvolvimento de ações educativas e a reflexão sobre aspectos teóricos relativos a eles. Refletir sobre os museus como agentes educativos e colaborar para a qualificação das ações educativas para o patrimônio desenvolvidas por estas instituições são alguns dos objetivos do LEP.

O objeto deste artigo é o processo de desenvolvimento e a encenação da peça de teatro de fantoches “A visita dos docinhos ao Museu do Doce”, estrelada pela “Turma do Quindim”. Esse processo de desenvolvimento compreende a criação dos fantoches, a construção de um roteiro, os ensaios e, finalmente, a encenação da peça de teatro de fantoches.

A escolha pela utilização do teatro de fantoches como ferramenta para a educação para o patrimônio se deu por várias razões, entre outras, pelo fascínio que a encenação exerce sobre o público infantil e pela simpatia que os fantoches-docinhos provocam que despertam o interesse pelo tema e colaboram para a construção do conhecimento sobre a tradição doceira da cidade de Pelotas e sobre o Museu do Doce da UFPel, palco privilegiado para esse teatro de fantoches.

Esta ação educativa – peça de fantoches que conta o passeio da Turma do Quindim no Museu do Doce - tem o objetivo de proporcionar um reconhecimento dos doces de Pelotas-RS, feitos pelas doceiras da cidade a partir de uma tradição doceira representada no Museu do Doce. A peça apresenta alguns doces, seus ingredientes e características, e conta um pouco sobre como essa tradição doceira chegou até hoje.

Com o teatro de fantoches – presente na cultura popular - na interseção do teatro com o patrimônio, as crianças se relacionam com as pessoas e com os objetos ao seu redor. Nessa vivência de conversa e interação com os fantoches, há possibilidade de apropriação com a narrativa do Museu, e o despertar da curiosidade e sensibilidade para aprender com diferentes experiências.

⁷Para ler sobre o LEP

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/14024/8695>

Metodologia

A atividade proposta foi desenvolvida pelo LEP durante o ano de 2018. Inicialmente houve a escolha do Teatro de Fantoques como instrumento para a ação educativa que teve como público alvo alunos das séries iniciais, que vão ao museu com as escolas em visitas agendadas. Os fantoches, como um jogo, são uma brincadeira que agrada as crianças (mas não somente a elas). De acordo com Piaget (1976), as atividades lúdicas aplicadas às crianças, contribuem para o enriquecimento do desenvolvimento intelectual. A primeira etapa para a criação da peça de teatro de fantoches foi a criação de um enredo – que envolvesse docinhos, açúcar e modos de fazer – e sua roteirização, para acrescentar aos elementos anteriores uma trama que chamasse atenção do público infantil. Foi decidido que os personagens seriam: um professor⁸ - a cana de açúcar - que faria apresentação dos doces, salientando o papel fundamental do açúcar na confecção dos Doces de Pelotas e os alunos-docinhos; Quindim, Camafeu, Bem-casado, Branquinho, Ninho e o Brigadeiro/Negrinho⁹. Os doces que foram usados como fantoches já existiam quase todos, como personagens da história da “Turma do Quindim” que compõe o Livro de Atividades do Museu do Doce¹⁰. A inclusão do Brigadeiro/Negrinho e do Branquinho (que não integram o rol dos doces tradicionais), entre os personagens, foi uma concessão à conhecida preferência infantil por estes doces.

Pronta à história, passou-se à confecção dos fantoches - doces antropomorfizados, realizados em feltro com cores brilhantes – e passou-se aos ensaios. O coroamento de toda essa preparação foram as encenações e as reações que provocaram na plateia.

De acordo com Vygotsky (1991) o brincar é um processo da construção da representação simbólica para crianças, é uma grande ferramenta de aprendizagem através do faz-de-conta. O teatro de fantoches, neste caso, - tem a potencialidade de reconstruir simbolicamente conceitos que são necessários à vida social da criança e para o processo de atribuição de significados ao mundo como um indivíduo histórico e cultural. Nesse processo de teatro de fantoches também se situa o brincar como um fenômeno sociocultural.

⁸ Na maior parte das encenações, o fantoche da Cana de Açúcar foi animado por um aluno, por isso se usa aqui “o professor” Cana de Açúcar.

⁹ O Brigadeiro no Estado do Rio Grande do Sul é conhecido popularmente como Negrinho

¹⁰ Para ler mais sobre o Livro de Atividades: <https://wp.ufpel.edu.br/cic/anais/anais-2018/>

Desenvolvimento e processos avaliativos

As primeiras encenações ocorreram no Museu do Doce. De acordo com o roteiro, no início da encenação os doces foram apresentados um a um, falou-se de seus ingredientes, de sua aparência, de sua origem e as crianças foram convidadas a identificá-los e a manifestar suas preferências¹¹. Essa interação, que antecede a história representada, permite que fantoches (e seus animadores), e plateia (crianças e seus acompanhantes), formem um vínculo inicial que favorece o desenvolvimento da ação educativa no sentido do objetivo pretendido.

A trama propriamente dita inicia quando o Camafeu, que protagoniza a dramatização, perde a noz que o caracteriza, e que se encontrava na sua cabeça, e os outros doces-fantoches o ajudam a procurar. O Brigadeiro procura no tacho que se encontra em exposição na sala de música, os outros fantoches procuram no porão, na cozinha, na lareira do museu, e quando voltam todos relatam que não encontraram a noz. A exceção é o Quindim que vem muito faceiro, com a noz e a coloca na cabeça do Camafeu. Toda esta procura pela noz é realizada com diálogo com as crianças que assistem à apresentação.

Estas encenações inaugurais aconteceram durante a Semana dos Museus, em Maio de 2018, com êxito, tendo sido recebidas pelas crianças com muita alegria. Depois desta primeira experiência, a avaliação da equipe considerou necessário adequar a linguagem, simplificando alguns termos, e aumentar as oportunidades de participação da plateia que vibra ao ajudar os docinhos a encontrarem a noz perdida.

A segunda apresentação foi no evento Museus na Rua da UFPEL, que aconteceu no Largo do Mercado e, desta vez, apesar da apreciação demonstrada pelo público, percebeu-se a necessidade de acrescentar microfones para facilitar a compreensão dos diálogos. As apresentações seguintes, que voltaram a acontecer no Museu do Doce, já foram realizadas com microfone e passaram a incluir a confecção de um “dedoche”¹² ao final da encenação.

No Teatro de Fantoches, as crianças reconhecem doces patrimonializados, com as exceções já referidas do Brigadeiro e do Branquinho cuja inclusão, além de ser uma concessão ao gosto infantil, é também uma forma de reconhecer que o doce é um patrimônio vivo, que muda ao longo do tempo, objetivo importante para o Museu e para o grupo do Laboratório de Educação para o Patrimônio.

¹¹ Também foram convidadas a nomear o docinho brigadeiro/negrinho, por qual nome o conhecem?

¹² Dedoche é um fantoche de dedo. O molde básico em papel é oferecido às crianças juntamente com os materiais necessários para fazer carinhas e dar as características desejadas.

Essa forma de mediação, através da encenação com fantoches deve ser desafiadora, para que o público infantil busque a aprendizagem através do diálogo desenvolvido com os Fantoches. Neste sentido coloca Fröbel, apud ALMEIDA (1984, p.23) “A educação mais eficiente é aquela que proporciona atividades, auto expressão e participação social às crianças”.

No processo de produzir e aplicar esta ação educativa, os estudantes de Museologia envolvidos foram desafiados a criar a encenação de fantoches desde o roteiro e da confecção dos fantoches até a animação deles e à encenação da peça para uma exigente plateia infantil, que tanto vibra junto como faz muxoxo, e responderam a este desafio aprendendo modos, estudando maneiras e criando estratégias superar as dificuldades que surgiram, qualificando sua formação profissional através desta experiência.

Na apresentação do Teatro de Fantoches, a criança desenvolve a imaginação, os significados, nesse processo de diálogo com os personagens que interagem com o visitante. Através dessa ferramenta de ludicidade a criança no Museu pode se expressar aprender e se desenvolver socialmente com os fantoches, colegas que assistem e com os alunos do curso de Museologia que estão presentes na sala.

Considerações Finais

Através do Teatro de Fantoches, os museus podem oferecer ao público escolar outra forma de interação com o patrimônio que, além, do contato lúdico com os bens patrimoniais, promove curiosidade e estimula a socialização e a criatividade, elementos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem.

O Teatro de Fantoches realizado pelo LEP, no Museu do Doce, com sua interatividade, mostra um enorme potencial e deve continuar a ser oferecido.

Através da observação realizada nas apresentações do teatro de Fantoches, perceberam-se os vários aspectos envolvidos nesta ação, tais como: a apresentação dos docinhos com seus ingredientes e histórias que misturam diferentes culturas, costumes e tradições e a atividade mental na busca de soluções para a procura da noz perdida do Camafeu, que implica a organização de uma estratégia (para isso a criança analisa as possibilidades da procura do perdido e organiza a colocação de elementos através do campo visual); o desenvolvimento de comunicação entre os fantoches (professor e docinhos) e as crianças espectadoras, que auxilia a resolver o problema do fantoche Camafeu.

Com a apresentação do teatro de fantoches a criança se relaciona com o outro (o social) e com o meio (artístico, arquitetônico e patrimonial) elaborando por si, a construção do seu conhecimento.

Referências

ALMEIDA, P.N. **Dinâmica lúdica. Técnicas e jogos pedagógicos. para 1 e 2 grau.** Projetos. Edições Loyola. São Paulo, 1984.4a edição.

OLIVEIRA, M. C. **O maravilhoso mundo dos fantoches Uma iniciação à deliciosa arte de ensinar brincando.** Editora Betania. Venda Nova. MG, 1988.

PIAGET, J. **A psicologia da criança.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-brincar-no-desenvolvimento-da-crianca/4448/#ixzz5PWmrEm75>. Acessado em 28/08/2018.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991